

TODOS DOENTES?! | POR ANSELM LENZ

Posted on 24. September 2020

A baixa por doença de toda a sociedade também pode ser interpretada como um fenómeno cultural tardio da revolução fracassada de 1968. Entretanto, o Gabinete do Presidente Federal está a preparar a mesa dos críticos - e em breve quer pendurar a Cruz de Mérito Federal no criador de medos da nação, Christian Drosten.

*Um ponto de vista **de Anselm Lenz**.*

Na altura, as coisas não tinham realmente funcionado e talvez não se tivesse pretendido que funcionasse de todo: Os revolucionários ocidentais de 1968 ensaiaram a revolta naqueles mesmos anos em que a promessa de liberdade e igualdade parecia estar cumprida: educação para todos e abertura de universidades, aumentos salariais, pleno emprego, a possibilidade de sobreviver com pequenos empregos e uma modesta mas ainda contabilizável acumulação de riqueza mesmo para trabalhadores não qualificados. Abertura de todas as profissões civis às mulheres, igualdade jurídica, abolição da criminalização das minorias. A promessa de avanço no estilo de vida burguês para todos, por exemplo, com aulas de música para os mais pequenos.

Homens como o último Ministro dos Negócios Estrangeiros Josef Fischer ou o também pouco amante da paz, o deputado europeu Daniel Cohn-Bendit, partiram assim para a última fronteira da sociedade, a revolução social, numa altura em que eles próprios já tinham gozado de todas as bênçãos da forma social de uma república e de um Estado constitucional socialmente empenhado. As portas estavam abertas para eles. Decidiram também deitá-los abaixo.

Uma técnica que se tornou um princípio comum na era neoliberal a partir do início da década de 1970: Quem quer receber uma fatia da tarte queixa-se de discriminação parcial, mas deixa de fora todas as questões substanciais. Desde então, tem sido possível reclamar com perspectivas de carreira que as mulheres estão em minoria na gestão da indústria de armamento, mas não questionar a indústria de armamento. Foi também o tempo em que se tornou moda acusar concorrentes e adversários políticos de todo o tipo de doenças, de preferência psicológicas. Na mesa da cozinha do apartamento partilhado, as pessoas alegavam frequentemente ter um complexo paterno ou todo o tipo de dificuldades sexuais. Foi

sempre encontrado algum tipo de inferioridade.

Desde então, declarar o adversário doente tem sido aquecido com termos sempre novos. O que o Hanns Guck-in-die-Luft der Kondensstreifen am Firmament de hoje é Politruck o seu chapéu de alumínio no álbum anual de poesia dos serviços secretos domésticos: "Basicamente, o inimigo do Estado e os funcionários políticos entraram numa relação mutuamente benéfica. Se o inimigo desaparecesse, ele teria de ser inventado. O que faz o Gabinete para a Protecção da Constituição quando o governo, como actualmente, funciona num vazio legal? Será que em breve veremos os chapéus de palha a executar um ballet nos degraus do Reichstag em preto, branco e vermelho? Ou já o fizemos?

Não se pode ser completamente louco se se pensa que todos estão cheios de merda

Nem todos fizeram um impacto tão meteórico como Fischer e Cohn-Bendit. Pessoas verdadeiramente mais corajosas do que os dois estudantes universitários da cozinha comunitária de Frankfurt, nomeadamente aqueles que realmente queriam tornar possível uma nova qualidade social, um verdadeiro equilíbrio social, uma verdadeira democracia e uma política de paz, como o sociólogo Rudi Dutschke, foram desviados do curso logo no início. No caso de Dutschke, isto aconteceu já em Abril de 1968, mesmo antes dos motins de Maio, através de uma dúbia tentativa de assassinato. Para Fischer e Cohn-Bendit, no entanto, o caminho para grandes carreiras abriu-se - no aparelho existente, lembre-se.

"Não há vida certa na vida errada" -? A famosa citação do filósofo Theodor Adorno significa, em última análise, que há momentos na história em que um retiro para a esfera privada, a atitude nobre de esperar para ver, já não representa uma possibilidade porque as circunstâncias sociais exigem uma atitude pública. Como todos os filósofos, Adorno acabou por contar aos seus leitores sobre si mesmo, e no entanto acaba por perguntar: Quando chegou o momento em que devo não só interpretar o mundo, mas também intervir, pelo menos na medida em que ofereça ajuda prática?

O ícone de todos os sessenta e oito anos, a subtileza personificada por excelência desta época passada, este mesmo Adorno, não estaria certamente do lado do regime da Corona de hoje. Permite uma visão profunda do estado das sociedades ocidentais que os intelectuais públicos, trabalhadores culturais e artistas têm

mergulhado quase durante seis meses através do banco, não parecendo sequer capazes de formular exigências para o breve período pós-Corona. No momento em que a sociedade precisava deles, eles tomaram o partido de um regime absolutista que estava a tomar o poder, cujo esboço teriam de descrever. "Uma palavra verdadeira", como exige um dos restantes homens honestos, o Professor Giorgio Agamben, eles continuam a ser culpados.

Selado numa espiral de silêncio

Tal como os backbenchers das partes se apresentaram em obediência antecipada já em Março, a segunda e terceira filas de autores e comentadores de livros, os supostos nobres plumas e artistas de cartazes, desapareceram. E agora também sabemos porque é que os últimos anos foram tão indiferentes, porque é que nada de novo foi deixado passar, porque é que a crítica se tornou tão escassa e por vezes unidimensional, por outras palavras, segundo Herbert Marcuse, outro pensador da era de 68, "tecnocrático", "marcado pela dominação e conformidade", uma série interminável de Netflix, quando uma "palavra verdadeira" concisa poderia mudar tanto. Hoje em dia, um holofote cai sobre figuras tristes na sua escuridão auto-infligida; mas o que se pode chamar aqui nomes que em breve são esquecidos, que basicamente já estão esquecidos.

E por isso é um quadro triste que o Gabinete do Presidente Federal criou para simular as últimas tentativas indefesas de enquadrar e enquadrar a discussão social: Ontem, terça-feira, o Professor Karina Reiß e o Professor Sucharit Bhakdi, os principais representantes da verdade médica ortodoxa sobre o vírus corona, não jantaram com o Chefe de Estado no Palácio de Bellevue, nem o Dr Bodo Schiffmann e Michael Ballweg, porta-vozes da oposição extraparlamentar do movimento democrático alemão. Nem Gunnar Kaiser, professor e filósofo, nem Hendrik Sodenkamp, dramaturga de teatro e jornalista da oposição, nem Friederike Pfeiffer-de Bruin, activista da paz, que leu sempre do prefácio do anfitrião, O Presidente Federal Frank-Walter Steinmeiers sobre a actual versão impressa da Constituição alemã, que nunca se cansa de ler o texto completo dos redactores de discursos, incluindo a assinatura esquelética de Steinmeier, e simplesmente não pode ser dissuadido de o fazer em todas as fases e em todas as assembleias da República.

Desde 28 de Março de 2020, houve centenas e centenas de assembleias com um total de muitos milhões de participantes do meio, das franjas e de todos os estratos da sociedade, de todas as origens e de todas as cores, mesmo os fora-da-lei. Para não mencionar as manifestações de Agosto, que são consideradas reservadas com "centenas de milhares" de manifestantes pacíficos. Todos os que estiveram presentes sabem, todos os polícias, mesmo todos os transeuntes casuais daqueles dias que de alguma forma vagueavam pelo centro de Berlim. Todos eles sabem que os números de "20.000" e "38.000" foram politicamente fixos, que pelo menos um zero foi simplesmente riscado, mentiu sobre isso.

Tudo sobre o açaimé

E assim o relatório da plataforma de propaganda tagesschau.de de 22 de Setembro de 2020 sobre o tema da simulação de uma mesa redonda em toda a nossa Schloss Bellevue também termina com as seguintes frases: "A porta-voz da escola de Berlim, Luisa Regel, conclui: Foi uma boa discussão, disse que tinha tido a sua opinião, mesmo que muito mais curta do que a dos críticos à mesa: "Mas eram também eles que tinham opiniões pessoais muito fortes. Falámos por uma ampla massa, especialmente no campo artístico e na escola. E não questiono as regras de distância e a obrigação de usar máscaras".

Após seis meses de ruptura com a constituição e os direitos humanos, de troca da liberdade de investigação e ensino, do abuso da medicina convencional, da violação final da confiança pelas grandes empresas de comunicação social, que mais se pode dizer? Quase parece que as pessoas dos antigos sessenta e oito - aqueles que tiveram uma carreira no aparelho, incluindo Steinmeier, por safra - no momento do colapso do capitalismo do mercado financeiro, como anunciado sob a forma de taxas de juro negativas desde meados de 2019, não tinham outra ideia que não fosse anular a sociedade doente e mentir a todos.

O golpe de saúde pode não ter sido uma má ideia para evitar pior a curto prazo e depois regressar a uma negociação verdadeiramente democrática, esclarecida e filantrópica do presente e do futuro. Infelizmente, o único objectivo do estado de emergência - que infelizmente pode ser declarado hoje quase exactamente seis meses a um dia após o início do regime de emergência inconstitucional - é a perpetuação de um domínio corporativo fanático de toda a raça humana, uma distopia que se tornou uma realidade e da qual fomos

avisados durante décadas em obras desde Blade Runner a Star Wars, de autores como George Orwell a Mark Fisher. A sociedade supostamente aberta falhou onde afirma a sua própria força: na discussão da ética, do respeito pela dignidade humana e da rejeição de invasões do corpo e da autonomia privada.

E assim encaixa no triste quadro pintado pela casta política corporativa dos meios de comunicação social que o líder da nação, o incansável proclamador da pandemia, que já em 2009 propagou como um louco o estado de emergência total no que diz respeito à gripe suína, vai receber em breve a Cruz de Mérito Federal, no círculo íntimo de alguns outros apoiantes do governo no dia 1 de Outubro no palácio do governo no Spree.

Os "20.000" regressarão a Berlim a partir de 2 de Outubro

Já a partir de 2 de Outubro, os, bem, "20.000" do movimento democrático irão reunir-se novamente na sua capital. Entre eles estarão novamente muitas crianças com as suas famílias, um número crescente de funcionários públicos, que cumprirão o seu dever de remontar, juntamente com verdadeiros esquerdistas das iniciativas de bairro, liberais da classe média e pessoas de espírito republicano, que simplesmente não querem mais ser enganados.

De acordo com figuras políticas, mais uma vez não terá sido senão algumas pessoas indignas - o que mais uma vez negará a mera presença física da maioria das pessoas. Será aplaudido que desta vez haverá provavelmente menos alguns do que no Verão de Agosto. É uma imagem humana infinitamente triste dos governantes, que também testemunha um longo desespero acumulado, uma distância aparentemente intransponível, um ódio profundo às pessoas na sua presença física, que são percebidas pela casta dos meios de comunicação políticos apenas como supérfluas, sim, como assédio.

As perguntas que até hoje não podem ser respondidas de forma conclusiva permanecem: o que há de errado em dizer simplesmente a verdade às pessoas? Quem impõe esta compulsão de máscara absolutamente perversa, cujo objectivo não é senão humilhar as pessoas e mantê-las com medo? A ameaça primordial deve mesmo ser terrível, mas em qualquer caso já não pode ser justificada por qualquer acção, por muito bem intencionada que seja, por exemplo, para proteger o clima planetário.

Oh céus, a espécie humana que faz isto a si própria - e se deixa fazer a si própria - deve estar verdadeiramente num estado deplorável. Quase se poderia chegar à conclusão de que cada nota de doença é apropriada. Sozinha, Corona não é o problema. E infelizmente, também não é uma doença mental. São os efeitos de um sistema económico desenfreado que conduzem a concentrações patológicas de poder e fantasias de possivelmente até ser capaz de impor objectivos bem intencionados por incapacitação. Mas não é assim que funciona.

Anselm Lenz é o editor da Resistência Democrática (DW), que cresceu de um folheto informativo para o jornal semanal de maior tiragem na República num espaço de tempo muito curto. O jornal da oposição continuará a ser distribuído em toda a Alemanha este fim-de-semana, chegando a pessoas que de outra forma estariam expostas exclusivamente à propaganda governamental e empresarial. O DW está dependente de doações ao IBAN DE51 1001 1001 2625 2368 69 ou de preferência como patreon.

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Fonte da imagem: bekulnis / portadas

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK